GUERRA NA UCRÂNIA SE TRANSFORMA EM FICÇÃO ABSURDA

*Por M. K. Bhadrakumar**

Imagem gerada por inteligência artificial.

O paradoxo para a Europa é que Trump, que causa arrepios na espinha dos políticos europeus, também é seu único salvador.

ESTRAGON: Não me toque! Não me questione! Não fale comigo! Fique comigo!

VLADIMIR: Eu já te deixei?

ESTRAGON: Você me deixou ir.

(Esperando Godot, por Samuel Beckett).

Uma grande transformação da guerra da Ucrânia no ano passado, desde que a atual ofensiva russa começou, é sua transição para uma ficção absurda que se baseia na insegurança existencial dos europeus, seu medo de serem abandonados por Donald Trump e, ainda assim, seu desejo de serem deixados em paz.

No geral, a citação acima destaca a natureza fluida e complexa da memória europeia – memória esquecida e inconsistente – e como ela pode moldar sua percepção da guerra e suas experiências dentro dela.

O governo Biden não desistiu da guerra na Ucrânia. Uma reunião do Ramstein Format Meeting está programada para ocorrer na Alemanha na quinta-feira,

presidida pelo secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, para abordar as necessidades de defesa da Ucrânia, que o presidente ucraniano Zelensky abordará.

Enquanto isso, Kiev normalmente lançava um ataque na região de Kursk na véspera do evento Ramstein Format. A operação, embora divulgada na imprensa britânica, é liderada por apenas dois tanques e 15 veículos blindados e sem dúvida será esmagada pelos drones russos e helicópteros de combate de alto desempenho Ka altamente letais com capacidade diurna e noturna, alta capacidade de sobrevivência e poder de fogo.

Normalmente, Zelensky não negligencia nenhuma ocasião para se exibir diante do público ocidental. Ele espera mostrar na quinta-feira que ainda há alguma coragem nas forças armadas da Ucrânia. Tragicamente, ele está sacrificando algumas dezenas de soldados ucranianos neste melodrama que pode desviar alguma atenção da linha de frente, já que as forças russas entraram em Chasov Yar e chegaram aos subúrbios de Pokrovsk em uma operação para cercar aquela cidade.

Com a queda de Chasov Yar e Pokrovsk, a Batalha de Donbass está se aproximando da reta final e prepara o cenário para um enorme avanço russo para o oeste, em direção ao Dnieper, se o Kremlin não tiver outra opção a não ser encerrar a guerra em seus termos (veja um artigo recente sobre o futuro mapa da Ucrânia pelo principal analista estratégico de Moscou, Dmitry Trenin, intitulado *What Ukraine should look like after Russia's victory* publicado na *RT*).

De fato, as esperanças de Trump encerrar a guerra no primeiro dia de sua presidência, em 20 de janeiro, murcharam. A reunião de Ramstein é um ato desafiador de Zelensky, Biden e seus associados europeus, já que Trump deve se encontrar com o presidente russo Vladimir Putin em breve.

Em 18 de dezembro, Zelensky se encontrou com o chefe da OTAN, Mark Rutte, e se reuniu com vários líderes europeus em Bruxelas para discutir a estratégia de guerra. Seus interlocutores europeus estão buscando desenvolver seus próprios planos se Trump, que prometeu encerrar rapidamente a guerra, desligar o regime de Kiev ou forçá-lo a fazer concessões.

O tópico principal da reunião de Bruxelas foi garantias de segurança, disse o gabinete de Zelensky. Zelensky destacou sua "*discussão individual detalhada*" com o presidente francês Emmanuel Macron que se concentrou em prioridades para fortalecer ainda mais a posição da Ucrânia "*em relação à presença de forças na Ucrânia que poderiam contribuir para estabilizar o caminho para a paz*".

Mas antes da reunião de Bruxelas, o chanceler alemão Olaf Scholz disse aos repórteres que, embora a prioridade fosse garantir a "*soberania da Ucrânia e que ela não será forçada a se submeter a uma paz ditada*", qualquer discussão sobre tropas no terreno seria prematura.

O próprio Rutte aconselhou que os aliados de Kiev deveriam se concentrar em aumentar o fornecimento de armas para garantir que a Ucrânia esteja em posição

de força. Rutte estimou que a Ucrânia precisa de 19 sistemas adicionais de defesa aérea.

Curiosamente, Rutte anunciou que o novo comando proposto da OTAN na cidade alemã de Wiesbaden está agora "*em funcionamento*", que doravante coordenará a ajuda militar ocidental para a Ucrânia, bem como fornecerá treinamento para os militares ucranianos. É improvável que Trump preserve o Formato Ramstein.

Simplificando, a Europa, incluindo o Reino Unido, não tem capacidade para substituir a assistência militar dos EUA à Ucrânia. Para a UE substituir os EUA, ela precisaria dobrar sua ajuda militar à Ucrânia. Mas a atual situação política europeia, juntamente com as reais capacidades militares de países europeus individuais, tornam esse um objetivo impossível (Veja a análise de Samantha de Bendern da Chatham House, publicada no *Kyiv Independent*: *Europe cannot fill void left by US in Ukraine's defense*).

A Alemanha, o maior doador militar da Europa para a Ucrânia, mergulhou no caos político com o colapso da coalizão liderada por Scholz. Macron, um ferrenho defensor da Ucrânia, perdeu o controle sobre a política interna da França. Em outras partes da Europa, partidos políticos de extrema direita e extrema esquerda, com simpatias pró-Rússia, estão crescendo.

Os europeus estão correndo como galinhas sem cabeça. A visita surpresa da primeira-ministra italiana Giorgia Meloni à Flórida para se encontrar com Trump e assistir a um filme com ele neste momento crítico da guerra na Ucrânia mostra que essa senhora inteligente não tem confiança em pessoas como Macron.

Meloni tem uma equação calorosa com o assessor próximo de Trump, Elon Musk, o *enfant terrible* dos liberais europeus. "*Isso é muito emocionante. Estou aqui com uma mulher fantástica, a primeira-ministra da Itália*", disse Trump à multidão em Mar-a-Lago, e acrescentou expansivamente: "*Ela realmente tomou a Europa de assalto.*"

A Itália, uma importante potência da OTAN com vista para o Mediterrâneo, é uma defensora vociferante do transatlantismo e segue uma política diferenciada sobre a guerra na Ucrânia que pode ser útil para Trump construir pontes com a Europa. Meloni está se posicionando.

A Itália condenou resolutamente a anexação russa da Crimeia e o envolvimento subsequente de Moscou no Leste da Ucrânia e aderiu às sanções da UE contra a Rússia. Demonstrou seu apoio militar à Ucrânia com pacotes significativos de ajuda militar dentro da estrutura de um acordo sobre cooperação em segurança (sob o governo anterior liderado pelo primeiro-ministro Mario Draghi). Dito isso, Roma frequentemente procurou equilibrar as respostas da UE com seus interesses nacionais em relação à Rússia.

Assim, o ministro das Relações Exteriores de Meloni reafirmou recentemente, mesmo quando Biden autorizou a Ucrânia a implantar mísseis americanos de longo alcance contra alvos militares dentro da Rússia, "*Nossa posição sobre o uso*

de armas (italianas) pela Ucrânia não mudou. Elas só podem ser usadas dentro do território ucraniano."

Na análise final, é o curso da guerra que decidirá os termos da paz na Ucrânia. No entanto, o ponto crucial da questão é que o principal acordo de paz que todos estão contando com Trump para entregar pode nem mesmo ser a parte difícil, ou seja, assumir que uma arquitetura de segurança europeia pode ser construída sobre os pilares que o presidente Vladimir Putin apresentou em seu discurso político no Ministério das Relações Exteriores da Rússia em junho passado, o que é, claro, uma grande suposição em si. Considere o seguinte.

Claramente, Trump não subscreve a Regra Pottery Barn de Rumsfeld – "*Você quebra, você é dono*". Ele não tem intenções de pagar pela reconstrução da Ucrânia. E sua linha vermelha é o envio de tropas americanas. O que significa que uma enorme responsabilidade recairá sobre os ombros europeus. Agora, a Europa está pronta para suportar esse enorme fardo financeiramente, militarmente e politicamente?

Por meio de dívidas, impostos ou cortes em serviços sociais? O *trade-off* entre gastos para a Ucrânia ou gastos sociais em casa é uma questão altamente sensível na política europeia. A mudança da Europa para governos de direita – a Áustria é o exemplo mais recente – pode apenas agravar a questão.

Por outro lado, Putin concordaria que os europeus saqueassem o pote de mel de US$ 300 bilhões de ativos de reserva russos para ajuda militar e reconstrução da Ucrânia? Nem pensar! Então, há a questão das sanções. Certamente, Putin exigirá o levantamento das sanções ocidentais. De fato, como poderia haver um acordo de paz com o qual a Rússia pudesse concordar sem o levantamento total de todas as sanções e o descongelamento dos ativos? Finalmente, quem garante a manutenção da paz nas fronteiras redesenhadas da Ucrânia com a Rússia? Moscou, é claro, insistirá em ter uma palavra a dizer sobre o assunto.

Um acordo para congelar o conflito em torno das atuais linhas de batalha seria o melhor resultado para a Ucrânia e também para os europeus. Mas Moscou está se aprofundando com um firme "*Nyet*", dada a longa história de traições ocidentais.

O paradoxo é que a roda deu uma volta completa para os europeus. Trump, que causa arrepios na espinha dos políticos europeus, também é seu único salvador. Como na peça de Samuel Beckett, eles estão esperando desesperadamente que Trump chegue.

Publicado no Indian Punchline.

***M. K. Bhadrakumar** foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*